



Interdisciplinary

LINKSCIENCEPLACE

DOI: 10.17115

ISSN: 2358-8411

Scientific Journal



Interdisciplinary Scientific Journal. ISSN: 2358-8411

Nº 2, volume 4, article nº 9, April/June 2017

D.O.I: <http://dx.doi.org/10.17115/2358-8411/v4n2a9>

Accepted: 28/03/2017 Published: 22/06/2017

CAPOEIRA AS PATRIMONIAL EDUCATION: STUDY ON QUIBUNGO CAPOEIRA IN OCARA, CEARÁ

CAPOEIRA COMO EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ESTUDO SOBRE A QUIBUNGO CAPOEIRA EM OCARA, CEARÁ

Lisimére Cordeiro do Vale Xavier¹
Doutoranda em Educação

Antônio Roberto Xavier²
Doutor em História

Rui Martinho Rodrigues³
Doutor e Pós-doutor em Educação

José Gerardo Vasconcelos⁴
Doutor em Sociologia e Pós-doutor em Educação

José Rogério Santana⁵
Doutor e Pós-doutor em Educação

Abstract: This work has as its main scope the general and specific approach of a capoeira. Thus, part of the general premise already established that capoeira integrates the cultural heritage of the Brazilian people as part of its history and memory and as such, needs to be linked and worked in the area of heritage education, especially in formal school spaces aimed at developing The sense of belonging and identity of Brazilian society. (UNESCO), the Roda de Capoeira became an integral part of the representative relationship of the World Cultural Heritage of Humanity recognized by the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO). In Brazil, a capoeira practice, as well as being part of the

¹ Universidade Federal do Ceará; Programa de Pós-graduação em Educação; Fortaleza-CE. E-mail: lisirobert@yahoo.com.br

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Programa de Pós-Graduação em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis; Redenção-CE. E-mail: roberto@unilab.edu.br Universidade Federal do Ceará; Programa de Pós-Graduação em Educação; Fortaleza-CE. E-mail: rui.martinho@terra.com.br

³ Universidade Federal do Ceará; Programa de Pós-Graduação em Educação; Fortaleza-CE. E-mail: rui.martinho@terra.com.br

⁴ Universidade Federal do Ceará; Programa de Pós-Graduação em Educação; Fortaleza-CE E-mail: gerardovasconcelos1964@gmail.com

⁵ Universidade Federal do Ceará; Programa de Pós-Graduação em Educação; Fortaleza-CE. E-mail: rogerio@virtual.ufc.br

cultural and immaterial material heritage of the Brazilian people, is part of the national curricular context, and should be practiced, disseminated and expanded continuously. In this sense, heritage education is an indispensable resource for this purpose. Finally, and why they are shown in the specific approach regarding Quibungo Capoeira in the municipality of Ocara, which is part of the school curriculum as didactic-pedagogical activity in the area of heritage education representative of the history, memory and identity source of the national, regional and local collectivity.

Keywords: capoeira; Quibungo Capoeira; patrimonial education; Ocara-CE.

Resumo: Este trabalho tem como escopo principal abordar a capoeira de forma geral e específica. Desse modo, parte-se da premissa geral já consolidada de que a capoeira integra o patrimônio cultural do povo brasileiro, fazendo parte de sua história e memória, a qual, como tal, necessita, ser vinculada e trabalhada no âmbito da educação patrimonial, sobretudo nos espaços escolares formais, visando desenvolver o sentimento de pertença e identidade da sociedade brasileira. É relevante ressaltar que, desde o dia 25 de novembro do ano de 2014, a roda de capoeira passou a fazer parte integrante da relação representativa do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. No Brasil, a prática da capoeira, além de fazer parte do patrimônio cultural material e imaterial de seu povo, faz parte do contexto curricular nacional, devendo ser praticada, difundida e ampliada continuamente. Nesse sentido, a educação patrimonial se apresenta como um indispensável recurso para esse fim. Por fim e pelo que se demonstra na abordagem específica relativa à Quibungo Capoeira no município de Ocara, faz-se mister que a Quibungo Capoeira faça parte do currículo escolar, como atividade didático-pedagógica no âmbito da educação patrimonial representativa da história, memória e fonte identitária da coletividade nacional, regional e local.

Palavras-chave: capoeira; Quibungo Capoeira; educação; patrimonial; Ocara-CE.

INTRODUÇÃO

O objeto investigado neste estudo é a prática da capoeira como campo educativo inserido, sobretudo, na educação patrimonial. Esta é uma premissa geral. Especificamente, o estudo está delimitado à prática da Quibungo Capoeira como capoeira regionalista no município de Ocara, no estado do Ceará. É salutar informar que este artigo veio à tona a partir de duas premissas: uma geral e outra específica. A geral quer saber: até que ponto e de que forma a capoeira tem sido trabalhada e ganhado visibilidade no âmbito da educação patrimonial? E a específica pergunta: qual a origem e como a Quibungo Capoeira pode e/ou deve se consolidar como parte indispensável da educação patrimonial dos habitantes do município de Ocara? Essas indagações funcionam como fio condutor para a realização desta escrita.

Os pressupostos justificadores deste estudo residem, primeiramente, no interesse pessoal, em razão de esta produção estar vinculada às práticas social,

cultural e educacional pertencentes ao patrimônio do povo brasileiro. Em segundo plano, destaca-se a viabilidade de esta temática ser ampliada, divulgada e consolidada nos estabelecimentos educacionais em caráter geral e local, visando despertar o sentimento de pertença e identificação dessa prática social com a sociedade brasileira em geral e local. Por fim, a temática se solidifica a cada dia mais, ao ter recentemente alcançado o *status* de patrimônio imaterial da humanidade, corroborando e reafirmando sua condição de patrimônio cultural material e imaterial do povo brasileiro.

Os procedimentos metodológicos empregados nesta escrita a tipificam como sendo descritivo-exploratória, de abordagem qualitativa. Na parte geral, empregou-se o método dedutivo historicista com análise de fontes bibliográficas, documentos oficiais de governo e legislação sobre a capoeira. Na parte específica, fez-se necessário o método etnográfico, embora de maneira sucinta, em razão de esta produção se tratar de um artigo de dimensão bem limitada. Para tanto, foi realizada uma breve pesquisa de campo, através da qual se empregou o recurso da oralidade com observação e entrevistas *in loco* dos protagonistas de roda de capoeira no lócus indicado. Desse modo, seguindo as prerrogativas do método dedutivo, este estudo compõe-se por tópicos que abrangem o tema da Quibungo Capoeira partindo de análises gerais para análises empíricas específicas.

QUIBUNGO CAPOEIRA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO

A capoeira, abordando de forma geral, segundo Souza (2007), é uma luta dançada na qual dois opositores dão golpes usando as pernas, a cabeça, os pés e as mãos em uma forma rítmica e espetacular, saltando para um lado e outro sob ritmos gingados de instrumentos e cânticos característicos que acabam tipificando peculiarmente essa atividade. A capoeira também é uma atividade marcada por “[...] um jogo atlético de ataque e defesa cheio de mandinga e malandragem” (CAMPOS, 2009, p. 85).

A mesma, por conta da sua diversidade, é considerada uma atividade artística e desportiva. Alguns instrumentos musicais marcam notadamente o ritmo da dança na capoeira: tambor, berimbau, atabaque, pandeiro, agogô, reco-reco, dentre outros, os quais qualificam, animam e alegam o ritmo que distingue e marca a capoeira como uma arte caracteristicamente afro-brasileira. A agilidade e a força física dos jogadores assinalam a desenvoltura dos praticantes, que poderão, passo a passo,

desenvolver um potencial rumo ao aperfeiçoamento de sua destreza, estética e arte, enfim, rumo ao progresso de uma humanidade pautada na ética e na virtude de um espírito essencialmente humano, crítico e reflexivo.

Aprender capoeira é, acima de tudo, interagir com a identidade cultural de um povo, é vivenciar a expressão corporal, é ter a possibilidade de adquirir o espírito crítico reflexivo da sociedade em que se está inserido. É a certeza da contribuição para um elo harmônico corpo/mente, valorizando o talento, as potencialidades humanas e reconhecendo seus limites e oportunidades. (CAMPOS, 2009, p. 90).

Ao se falar sobre a origem da capoeira no Brasil no período colonial e imperial, constata-se que essa era praticada aos domingos, feriados ou momentos de descanso, sempre disfarçada de dança, jogo e/ou brincadeira. Com a libertação dos escravos em 1888, a capoeira passou a ser utilizada pelos ex-escravos tanto como arma de sobrevivência nas apresentações de espetáculos quanto como forma violenta para angariar meios de subsistência numa sociedade discriminadora, com um poder público indiferente à inclusão de uma grande quantidade de ex-escravos moribundos jogados à sua própria sorte. Porém, essa condição de uso da capoeira pelos ex-escravos em pouco tempo levou essa atividade à criminalização durante toda a Primeira República. Somente a partir da década de 1930, pouco a pouco a prática de rodas de capoeira volta a ser liberada, sendo, em 1937, descriminalizada e passando a ser praticada não somente nos logradouros públicos, mas também nas academias, como atividade estética no âmbito da política nacionalista do Estado Novo. Já na década de 1970, o Ministério da Educação reconhece a capoeira como esporte oficial; em 2008, a capoeira alcança o *status* de patrimônio cultural brasileiro; e, em 2014, é reconhecida internacionalmente como patrimônio imaterial da humanidade (BACCINO, 2010; BRASIL, 2014).

A capoeira é praticada em mais de 150 países. Essa modalidade artístico-cultural é, na atualidade, sobretudo no Brasil, usada como instrumento de inserção e inclusão social através das políticas culturais e educacionais, todavia nem sempre foi assim. A capoeira, seja na forma primitiva (angolana), seja na forma regional, foi duramente sufocada, camuflada e proibida no Brasil. Essa prática artística, cultural e desportiva, até há bem pouco tempo, em função da condição repressiva a ela imposta, carregava o rótulo da marginalidade pela classe dominante e pelo poder público. A partir da década de 1930, a capoeira se reveste de prestígio e começa a marcar significativamente a identidade brasileira no âmbito do projeto nacionalista do

governo de Getúlio Vargas. Nos anos 1980, a capoeira ganha espaço no cenário intelectual e artístico, conquistando, por sua vez, aos poucos, a classe média brasileira. Essa conquista possibilitou a projeção dessa cultura no mundo afora como uma atividade artística e desportiva tipicamente afro-brasileira (SOUZA, 2007).

Estudiosos e pesquisadores costumam atribuir a origem da capoeira a Angola, pois há indícios de que a mesma chegou ao Brasil através dos pretos angolanos oriundos do sudoeste africano. Outra vertente afirma que ela nasceu em terras brasileiras (CAMPOS, 1990). Desse modo, predomina o consenso de que a capoeira seria uma herança afro, uma vez que os estudiosos e especialistas no assunto apontam que, por toda a primeira metade do século XIX, esta foi praticada pelos escravos urbanos, haja vista que os registros policiais referentes a esse período (1811-1850) comprovam a prisão de muitos capoeiras no estado do Rio de Janeiro (SOARES, 2004).

QUIBUNGO NA CAPOEIRA: DA EDUCAÇÃO COERCITIVA À EDUCAÇÃO DESPORTIVA PATRIMONIAL

No Brasil, a capoeira nasce concomitantemente com a comercialização e a chegada dos africanos escravizados nestas terras no século XVI. Primeiramente, a capoeira praticada é do tipo angolana. Com o tempo, a capoeira vai ganhando contornos e adequações, de acordo com as culturas locais, passando à constituição de capoeira regional. No caso da capoeira regionalista denominada Quibungo Capoeira, na língua tupi-guarani, designa baile realizado por negros (CAMPOS, 2009).

Imagem 01 – Símbolo da Quibungo Capoeira



Fonte: Associação Cultural Quibungo Capoeira (2012).

Inicialmente, a prática da Quibungo se estabelece na capital baiana de “São Salvador”. Posteriormente, propaga-se pelas demais regiões do país; no estado cearense, por exemplo, essa figura mitológica teve ampla projeção. Essa lenda, durante muito tempo, figurou no imaginário do senso comum e na consciência ingênua do povo brasileiro. Precisamente nesse contexto, os mais velhos faziam uso dessa lenda/mito para “educar” crianças e jovens através de um certo condicionamento psicológico operante à época, pautado na coerção e estratégia do medo, ou seja, um tipo de educação coercitiva que se fundamentaria numa aquisição comportamental do panoptismo constante, que deveria atender aos padrões sociais nos quais o indivíduo estava cultural e condicionalmente imerso. Para tanto, o mito da figura do Quibungo consistia em disciplinamento mediante a docilização do corpo e adestramento da mente das crianças nas instituições educacionais, também chamadas de instituições de sequestro (FOUCAULT, 2011).

Com efeito, esse tipo de didática e psicologia impositiva faz parte da cultura primária popular informal do educar referente ao senso e estágio mítico-comum educacional no Brasil. Notadamente, as lendas folclóricas constituem-se a partir de proponentes simbólicos significativos que visam atribuir valores e significados que fomentem o modo de pensar, ser e agir de um determinado povo numa determinada cultura, tendo-se em vista seus valores, ritos, crenças e concepções, sobretudo as concepções educativas geradas a partir do senso comum.

A categoria Educação, no contexto da educação primária (mítica) brasileira, neste ensaio, pode ser pensada como educação patrimonial imaterial, visto que esta sempre constituiu um recurso de formação socioeducacional que possibilitava aos sujeitos sociais uma apropriação dos valores no universo histórico-temporal, no qual estavam naturalmente inseridos. Porém, sabe-se que a educação patrimonial imaterial representa uma categoria linguístico-filosófica que ganha força no cenário cultural brasileiro a partir da publicação do Decreto n. 3.551/2000, que reconhece os processos educativos no contexto de suas referências e de seus agentes.

[...] Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades

detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural. (FLORÊNCIO et al., 2014, p. 19).

A Quibungo Capoeira, como capoeira regional, vem se ampliando como patrimônio cultural imaterial afro-brasileiro. É válido ressaltar que, diferentemente da figura lendária, marcada pelo atributo patrimonial imaterial do bicho-papão, ou ainda do bicho-homem, ou ainda do negro velho, tem entre suas atribuições não assustar crianças e jovens pela imposição e estratégia do medo, pois a personificação do Quibungo não almeja conquistar, resgatar, confiscar e inserir crianças e jovens, notadamente, numa atividade educativa desportiva lúdica, dinâmica, interativa, atraente e prazerosa. Nesse sentido, a capoeira contempla, legítima e legalmente, o patrimônio cultural tangível e intangível do povo brasileiro, fortificando-se e consolidando-se à medida que esteja inserida na educação patrimonial, ou seja:

Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho de Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto desses bens e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 6).

A prática da capoeira, seja na modalidade mais antiga (a angolana), seja na modalidade regional (a Quibungo), nem sempre foi assim. Ao longo de sua trajetória histórica, social e educacional, a capoeira é símbolo de resistência e preservação da história, cultura e memória de africanos sequestrados e escravizados nestas terras. Desse modo, a prática da capoeira constitui um primado da luta, força, resistência e inserção dos afro-brasileiros e africanos que foram e ainda são, por vezes, desprezados, discriminados ou (re)negados pelas elites e pelo poder público brasileiro no decurso da história. Não é inconveniente lembrar que a prática da capoeira, da Colônia à República Velha, foi considerada subversiva, vadiagem e, por fim, criminalizada, respectivamente. Desse modo:

No dia 11 de outubro de 1890, foi instituído, pelo Decreto n. 847, o Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil. A novidade apresentada era o Capítulo XIII, intitulado Dos Vadios e Capoeiras. Os artigos passam a arbitrar penalidades para os desordeiros [...]. A capoeira foi, enfim, tornada crime. Não mais necessitava provocar lesões corporais ou mortes. A simples prática da capoeiragem já era suficiente. (VASCONCELOS, 2009, p. 35).

Claramente a capoeira é oficialmente criminalizada no Brasil no contexto de toda a República Velha. Aqueles que ousassem transgredir a lei legalmente instituída eram colocados na cadeia e fichados como criminosos de alta periculosidade, sob a alegação do bem e da ordem pública comum. O feito prepondera no percurso do Império à República Velha; somente no ano de 1937, no contexto do Estado Novo, é que o Estado brasileiro reconhece a capoeira como uma atividade física desportivo-cultural. Nesse mesmo período é fundado e reconhecido oficialmente o Centro de Cultura Física e Capoeira Regional no estado da Bahia. Esse Centro teria sido fundado por Manoel dos Reis Machado, o reconhecido capoeirista Mestre Bimba (CAMPOS, 2009).

Bimba, em 1928 (República Velha), na Bahia, auxiliado pelos conhecimentos da capoeira primitiva (Angola) e da crença religiosa do batuque, empreende o que depois ficaria conhecido como capoeira regional. Incorpora alguns movimentos à nova capoeira, com o propósito de ressignificar a estética e a linguagem corporal dessa cultura, cria um código de ética e de conduta para seus alunos e uniformiza os capoeiras (alunos) com roupas brancas, numa tentativa de construir uma imagem e um imaginário significativamente favorável à cultura de “origem negra”.

A Capoeira Regional é uma manifestação da cultura baiana, que foi criada nos fins da década de 1920 por Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba). Ele utilizou os seus conhecimentos da capoeira primitiva e da luta denominada batuque. A Capoeira Angola é uma manifestação primitiva que nasceu da necessidade de libertação de um povo escravizado, oprimido, sofrido e revoltado. Consolidou-se como uma forma de resistência, tendo como referência as comunidades organizadas denominadas quilombos, que serviam para abrigar os negros fugitivos. Podemos considerá-la a mãe da Capoeira Regional. O batuque era uma luta irada e violenta, na qual o objetivo era derrubar o adversário no chão, usando apenas as pernas. (CAMPOS, 2009, p. 53).

Mestre Bimba, meio que obstinadamente, incorpora a capoeira no currículo escolar do estado da Bahia. Nesse período, Mestre Bimba era como se trabalhasse na contramão da história e do currículo oficial, posto que, mesmo não tendo o apoio do poder público naquele momento, exigia que seus alunos apresentassem o boletim escolar com bom rendimento como indicativo de um comportamento virtuoso, pautado no compromisso e na responsabilidade social de zelar pela imagem e cultura dos capoeiristas.

Assim, nasce no estado da Bahia a capoeira regional, revestida por uma filosofia e uma imagem que se traduziriam num código de ética e de conduta que

prestigiava não só os novos capoeiras, mas, sobretudo, a cultura da capoeira. Bimba é irreverente e inovador, visto que introduz ao ensino da capoeira a perspectiva da pragmática propedêutica, ou seja, a perspectiva de que seus alunos poderiam, através dessa cultura polissêmica, ter uma educação e uma formação geral integral, ao passo que se agregava a essa arte um caráter estratégico norteado pelos princípios da pedagogia escolar.

O trabalho do Mestre Bimba e de seus discípulos viria a produzir muitos frutos posteriormente, uma vez que atualmente o ofício da capoeira é reconhecido legalmente como patrimônio cultural brasileiro. O registro do ofício do mestre de capoeira e da roda de capoeira, hoje, no Brasil, é uma conquista e uma realidade que indubitavelmente carregam as marcas do trabalho desenvolvido por Bimba. Todavia, posteriormente ao trabalho de Bimba, foram muitos os que contribuíram com essa relevante expressão cultural; mestres do estado do Rio de Janeiro, do estado de Pernambuco e de outros estados do Brasil foram contribuindo significativamente. Contemporaneamente pode-se destacar ainda como expressivo o trabalho realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), órgão dedicado à preservação do patrimônio histórico e artístico nacional.

A proposição do registro da capoeira como patrimônio cultural do Brasil, feita por iniciativa do Ministério da Cultura e apoiada pelos capoeiras, representados por velhos e respeitados mestres da Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco e outros locais do país, pode ser mais bem compreendida ao considerá-la como parte integrante de um rol mais amplo de reivindicações de direitos culturais, sociais e políticos pela população afro-brasileira, que foram incorporadas à agenda do MinC, resultando na formulação de políticas de valorização e fomento desta prática cultural. (BRASIL, 2008, p. 1).

Também é relevante notar o esforço do Ministério da Cultura (MinC), que, no ano de 2004, num evento em Genebra, na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), levou em sua comitiva 15 capoeiristas, tendo promovido naquela ocasião uma roda de capoeira. O evento consignou a essa cultura o *status* de arte simbólica e iconográfica tipicamente brasileira diante do contexto internacional. Finalmente, no ano de 2008, efetivou-se oficialmente, através de todo um processo legal, uma ação legal em favor do registro da capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, por meio do Processo n. 01450.002863/2006-80, Parecer n. 031/2008.

QUIBUNGO CAPOEIRA EM OCARA-CE: COLETANDO DADOS E INTERPRETANDO NARRATIVAS

O topônimo Ocara é oriundo da linguagem nativa (indígena), cujo significado, em tupi-guarani, refere-se à praça ou ao terreiro central da aldeia/taça, com uma entrada e saída principais.

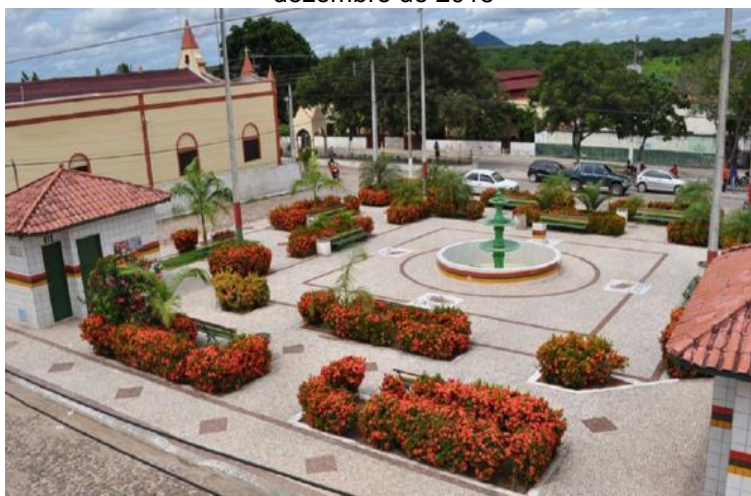
Imagem 02 – Ocara Ipatse, no Parque Nacional do Xingu



Fonte: Biondi (2007).

Situado na Macrorregião do Maciço de Baturité, no estado do Ceará, e distante 101 km de Fortaleza, capital do estado, Ocara teve sua emancipação político-administrativa por força da Lei Estadual n. 1.415, de 28 de dezembro de 1987. Certamente sem intenção de acompanhar a arquitetura original do topônimo, a praça principal de Ocara apresenta traços semelhantes ao seu significado pioneiro:

Imagem 03 – Praça da matriz de Ocara por ocasião de seu 28º ano de emancipação, em 28 de dezembro de 2015



Fonte: *Blog do Diário do Nordeste* (2015).

Na cidade de Ocara-CE, existe um grupo de capoeira⁶ denominado “Quibungo Capoeira”. A acepção do termo “Quibungo” está relacionada à história e à memória de uma figura lendária que consolida o Quibungo como a imagem de um tipo estranho conhecido no folclore afro-brasileiro⁷ como um bicho-papão negro, um visitante africano intempestivo que chegara ao Brasil, sediando domicílio inicialmente na Bahia. Essa seria uma primeira vertente de estudo que explicaria a origem e o entendimento do Quibungo no contexto da educação patrimonial imaterial⁸. O Quibungo está associado a um estigma representativo depreciativo dos povos africanos em terras brasileiras (FERNANDES; PHITON, 2010; MAGALHÃES, 1960). Todavia, Rodrigues (1976), em sua obra *Os africanos no Brasil*, esclarece que a lenda do Quibungo estaria essencialmente associada ao povo afro de origem Bantu⁹.

Segundo Fernandes e Phiton (2010), o Quibungo, no contexto da tradição oral (educação patrimonial imaterial) no Brasil, era representado por uma aberração monstrenha que se assemelhava ao temível lobisomem. Este, por sua vez, revestia-se de metade homem e metade bicho, sendo peludo, com garras atemorizantes, possuidor de uma famigerada boca grande, capaz de engolir suas vítimas numa tragada só, visto que não precisava mastigá-las, tamanha era sua voracidade. Essa assombração mítica constituiu recurso utilizado pela cultura oral como uma condição essencial no doutrinamento e disciplina de crianças e jovens considerados desobedientes e rebeldes.

Essa “abominável criatura” lendária representaria ainda uma espécie de Proteu¹⁰ afro-brasileiro transfigurado na figura de Ogum ou Ogundelê, primeira divindade cultuada pelos povos da África Central Ocidental, que, em terras

⁶ A capoeira, hoje, é considerada, essencialmente, uma cultura de resistência afro-brasileira que se traduz através da arte e do desporto. Esta se define por uma luta dançada em que dois antagonistas dão golpes de pernas e cabeças usando os pés e as mãos como apoio, saltando para um lado e para o outro, mostrando grande agilidade, equilíbrio e força. Essa força consiste em força material e imaterial (CAMPOS, 2009).

⁷ Afro-brasileiro: indica produtos das mestiçagens para as quais as principais matrizes são as africanas e as lusitanas, com pitadas de elementos indígenas (SOUZA, 2007).

⁸ Educação patrimonial imaterial, ou educação patrimonial intangível, diz respeito ao reconhecimento, interpretação e aprendizado dos e sobre os bens culturais simbólicos/imaginários presentes e lembrados na memória, muitas vezes perpassado como legado cultural pela tradição oral de uma comunidade/coletividade (HORTA, 2005).

⁹ Cultura Bantu: povos oriundos da África Centro-Occidental que tinham afinidades linguísticas e culturais e se reuniam em torno de uma estrutura política e religiosa, os quais foram levados como escravos pelos povos da Europa para diversos países do mundo ocidental, entre estes o Brasil (SOUZA, 2002).

¹⁰ Proteu: filho dos deuses Poseidon e Fênice. Proteu recebera de seus pais o dom da profecia e da metamorfose (JULIEN, 2005).

brasileiras, seria ideologicamente pensado, personificando-se no temido e assustador “negro velho”, que viera se radicar posteriormente no contexto do sincretismo religioso afro-brasileiro¹¹.

Como se sabe, o Brasil carrega a herança incrustada de uma prática histórico-social escravocrata, racista e discriminatória. Todavia, a educação e constituição de sua identidade étnico-racial têm suas origens imbricadas no contexto da cultura africana e afro-brasileira. Nesse âmbito cultural estigmatizante, cultivaram-se por muito tempo determinados dogmas depreciativos associados à africanidade, haja vista que os africanos sequestrados e vendidos como escravos pelos europeus para as inúmeras colonizações, inclusive a do Brasil, foram considerados objetos de seus padrões e seres desqualificados pertencentes a um tipo de “raça inferior”. Esse é e tem sido um legado degenerativo impregnado no âmago da ossatura cultural das nações colonizadas, como é o caso do Brasil, que resistem e insistem em cultivar um eurocentrismo distante e discriminador (CARVALHO, 2009; MUNANGA, 2008).

Como explicitado na introdução deste trabalho, a construção desta parte específica ocorreu a partir da análise empírica *in loco*, através de uma breve pesquisa de campo com emprego de observação e entrevistas diretas aos principais sujeitos protagonistas executores de rodas de capoeira no município de Ocara. O nome “Ocara” advém do tupi-guarani, tratando-se de uma cidade que está situada na Macrorregião do Maciço de Baturité, no interior do estado do Ceará, na Região do Nordeste brasileiro. Segundo Aragão (1994), a nomenclatura “Ocara” remonta a terreiro de aldeia indígena, onde, no centro, ficava uma grande praça e, em seu derredor, aglomeravam-se as ocas (casas).

Ocara fica distante da cidade de Fortaleza, capital do Ceará, cerca de 101 km. Essa é uma cidade nova, pois sua emancipação político-administrativa deu-se em 1989. Sua distribuição geográfica urbana, além da sede, está dividida em seis distritos: Arisco dos Marianos, Curupira, Novo Horizonte, Sereno de Cima, Sereno de Baixo e Serragem. Cerca de 24 mil habitantes se redistribuem nesse pequeno caleidoscópio geocultural, sendo que a grande maioria se concentra na sede do município. As principais atividades econômicas da cidade são a agricultura, a

¹¹ Sincretismo religioso: combinação de elementos da religião da cultura africana com elementos da religião da cultura europeia; centrado no catolicismo português no contexto brasileiro (FERRETTI, 1996).

pecuária e duas indústrias alimentícias. Ocara é uma cidade tranquila e prestigiada por um povo manso e afeito à cultura popular tradicional de seu povo e de sua gente.

Nessa cidade, existem várias manifestações culturais que consolidam o patrimônio material e imaterial da sociedade local, que necessita ser levado a cabo através da educação patrimonial com maior intensidade. Uma dessas manifestações é a presença de um grupo de jovens que forma a Quibungo Capoeira, expressão da capoeira regionalista oriunda do município cearense de Cascavel. A prática da Quibungo Capoeira em Ocara acontece de forma polissêmica, sendo traduzida em arte, folclore, dança, jogo e luta de capoeiragem, que, em princípio, era praticada por pessoas negras africanas e/ou afro-brasileiras, mas que atualmente conta com a participação de representantes de todas as etnias (CAMPOS, 2009).

No mês de outubro de 2015, deslocamo-nos até a cidade de Ocara com o objetivo de efetuarmos esta parte da pesquisa. Ao chegarmos a nosso destino, procuramos os responsáveis pelo nosso objeto de estudo, a Quibungo Capoeira. Em pouco tempo, localizamos a residência do principal responsável, o qual se apresentou como Instrutor do Grupo Quibungo Capoeira, o jovem Francisco Elvisson Gomes Freires, mais conhecido em seu reduto como “Keké”. Ao indagarmos sobre a origem da Quibungo Capoeira em Ocara, Francisco Elvisson, o “Keké”, foi muito solícito conosco, passando a nos explicar que o Grupo Quibungo Capoeira teve como principiante o Contramestre Clerton Alexandre Nazário, o “Cobra”. Além do Contramestre “Cobra” e do Instrutor “Keké”, o grupo também tem na linha de frente os jovens capoeiristas: Jhonatan (Soneca), Allann Marx Correia Ribeiro e Maria Nislene dos Santos.

Segundo Francisco Elvisson Gomes Freires, atual Instrutor do Grupo, a Quibungo Capoeira em Ocara é um prosseguimento do Grupo Cordão de Ouro¹², pertencente a João Batista Renovato da Silva, que era filiado ao grupo matriz, em Fortaleza.

O grupo tinha como características: o companheirismo, o lazer, a disciplina e a saúde física e mental. O grupo manteve sempre um bom desempenho e constantemente era convidado para apresentações para o público da comunidade de Ocara, em eventos culturais, folclóricos e educativos, e para os visitantes holandeses, que possuem uma Organização Não

¹² Nome alusivo ao maior capoeirista baiano, Manoel Henrique Pereira (1895-1924), conhecido popularmente pelo alcunha de Besouro Mangagá, nascido no antigo Quilombo de Urupey, distrito de Oliveira dos Campinhos, município de Santo Amaro, na Bahia (VASCONCELOS, 2009).

Governamental em Ocara e visitam a cidade regularmente. Com a participação de aproximadamente 40 crianças e jovens, tendo à frente João Batista, Lázio Marcos Pereira, Ângelo Tyrone Ribeiro Lopes, Jhonis Teófilo, Adriano Tyjoe, Osvaldo Renovato, Océlio Barbosa, Pelado, Nilton, Jailson, Nacélio (Barrão), Clevilton Antoniano Correia, Gilson Cavalcante, Alison Alves e outros, o Grupo Cordão de Ouro teve o apoio de vereadores e do Mafo [Movimento de Ajuda Familiar de Ocara], com contratação de professores e abadáes pela Secretária de Educação da época, que patrocinou instrumentos, abadáes, transportes e lanches durante as apresentações para as quais o grupo era convidado, e era acompanhado pela Chefe de Esportes, Chirley Maria Ribeiro Lopes, reunindo-se no Clube de Vila São Marcos, onde treinavam. (Informação verbal)¹³.

Francisco Elvisson também informa que o Grupo Cordão de Ouro permaneceu em Ocara por alguns anos, depois os alunos migraram para o Grupo Negaça, posteriormente para o Muzenza, filiando-se, finalmente, ao Quibungo, fundado em 2010, em que os remanescentes, como: Francisco Elvisson e Nislene dos Santos, estão até hoje. A formação do Grupo Quibungo Capoeira em Ocara se deu através do Mestre Cobra e do Mestre Perturbado, das cidades de Cascavel e de Mossoró, respectivamente.

Ao indagarmos a Francisco Elvisson em quais circunstâncias a Quibungo Capoeira funciona em Ocara, este prontamente informa que:

O Grupo Quibungo Capoeira subsiste com recursos próprios e, vez por outra, consegue parcerias com o poder público local através da Secretaria Municipal da Educação [SME], com o Movimento de Ajuda Familiar de Ocara [Mafo] – uma ONG [Organização Não Governamental] – e com o Sindicato dos Servidores Públicos de Ocara [Sinsepo]. Esses órgãos auxiliam em adquirir uniformes, alguns instrumentos empregados na prática de capoeiragem, alimentação durante os aulões e intercâmbios culturais, sobretudo quando trazem professores e alunos de outros municípios. (Informação verbal)¹⁴.

Nosso entrevistado nos leva até um dos espaços onde estão disponíveis os materiais usados nas rodas de capoeira e passa a nos informar sobre a metodologia e emprego desses materiais pelo Grupo Quibungo:

Os instrumentos utilizados na capoeira são: berimbau, atabaque, pandeiro, caxixi, agogô e reco-reco, sendo que o berimbau, o caxixi e o atabaque podem ser confeccionados pelos próprios integrantes durante as oficinas promovidas pelo grupo. Para a confecção do berimbau, são usados os seguintes materiais: madeira de pitia ou biriba de aproximadamente 1,60m para a verga, cabaça de tamanho médio, pedra de seixo de rio, corda de arame de pneu de carro e uma vareta simples, que pode ser de bambu ou madeira flexível, de 30 a 40 centímetros de comprimento. O atabaque é feito com talas de madeira, couro de animal [boi], revestido de cordas. Os

¹³ Entrevista concedida por Francisco Elvison Gomes Freires, Ocara, 25 out. 2015.

¹⁴ Entrevista concedida por Francisco Elvison Gomes Freires, Ocara, 25 out. 2015.

outros instrumentos foram adquiridos com ajuda do Mafo e com recursos dos integrantes do Quibungo. (Informação verbal)¹⁵.

Nas entrevistas realizadas com integrantes do Grupo Quibungo Capoeira na cidade de Ocara, percebemos haver um entendimento de seus membros no que diz respeito à origem e interpretação da palavra “Quibungo” na sua extensão original, ou seja, pode-se inferir, a partir das entrevistas, que a escolha da palavra que identifica o grupo foi realizada nas suas origens de uma forma estrategicamente pensada, sem, contudo, haver tendências de desvio da função socioeducacional patrimonial da roda da Quibungo Capoeira. Isso acontece porque:

Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos, verdadeiros ‘universos de discurso’, ‘universos de significado’, que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos. O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história. (BOSI, 1994, p. 66).

É nesse universo coerente e de compreensão de significados que o Grupo Quibungo Capoeira substituiu o Grupo Cordão de Ouro e iniciou suas atividades em Ocara no ano de 2010, através da iniciativa do ex-aluno do Grupo de Capoeira Cordão de Ouro Francisco Elvison Gomes Freires, o “Keké”, que, em contato com Clerton Alexandre Nazário, o “Mestre Cobra”, reuniu os jovens ocarenses interessados na prática da capoeira como expressão cultural desportiva para darem prosseguimento ao esporte. De acordo com “Keké”, à época em que entrou em contato com Clerton Alexandre Nazário, o “Mestre Cobra”:

A capoeira estava um pouco estagnada em Ocara. Foi feita uma reunião e uma manifestação para não parar a capoeira, reativar essa raiz, pois ia parar, porque os capoeiristas que deram a partida, que iniciaram a capoeira em Ocara, como o Batista e o Tyrone, com o Grupo Cordão de Ouro, pararam por motivos de doença, família e outros problemas. (Informação verbal)¹⁶.

Desde então, mesmo com as inúmeras dificuldades e falta de apoio, o Grupo Quibungo Capoeira vem mantendo regularmente suas atividades. A equipe se reúne no salão cedido pelo sindicato duas vezes por semana para praticar e treinar a capoeira. Vale ressaltar que a Quibungo Capoeira em Ocara também está contando com o apoio da Secretaria da Educação Municipal (SEM), que, reconhecendo a relevante contribuição e atividade desenvolvida pelo grupo, convidou seus

¹⁵ Entrevista concedida por Francisco Elvison Gomes Freires, Ocara, 25 out. 2015.

¹⁶ Entrevista concedida por Francisco Elvison Gomes Freires, Ocara, 25 out. 2015.

representantes, no ano de 2013, a colaborarem com o Projeto Mais Educação, os quais saíram do anonimato diante da educação formal e passaram a desenvolver serviço de monitoria, ensinando a prática da capoeira como patrimônio do povo brasileiro aos alunos do Colégio Municipal Luís Cândido de Oliveira, em Ocara, Ceará. Percebe-se que aos poucos há o envolvimento de empresas e de instituições governamentais e não governamentais, proporcionando ações culturais e educativas através da Quibungo Capoeira. Pensando assim, é plausível compreender que:

As ações educacionais apresentam-se das mais variadas formas. No campo da educação formal e não-formal [sic], elas se mostram em íntima relação com a política de Estado, com grandes instituições religiosas, empresas e associações de empresários, com grandes personalidades que pontificam, no campo das idéias [sic], doutrinas e métodos pedagógicos, invadindo o território da história econômica, como o da política. Quando a abordagem se faça no campo da educação informal, abre-se um largo espaço ao estudo da micro-história, às contribuições dos anônimos, oportunidade em que se trazem à colação da pesquisa a memória dos sujeitos participantes daquilo que se investiga, seja no âmbito de instituições como a família, seja nos espaços das relações informais. (MARTINHO RODRIGUES, 2009, p. 437).

Com cerca de 25 alunos participantes, o Grupo Quibungo Capoeira em Ocara tem como missão formar pessoas, fortalecendo e cultivando o respeito, a disciplina, a cultura e o fortalecimento dos laços fraternos, expandindo o trabalho com o corpo e a mente. Dessa forma, a Quibungo Capoeira necessita de apoio da sociedade em geral, do poder público e das organizações governamentais e não governamentais, visando melhor contribuir para a identificação, preservação e divulgação do patrimônio cultural brasileiro em caráter geral e local. A missão do grupo está bem delineada e seus componentes demonstram estar dispostos a cumpri-la na íntegra. Isto é o que nos revela o jovem capoeirista Allann Marx Correia Ribeiro:

Participo do Grupo Quibungo Capoeira há uns quatro ou cinco anos. Entendo que seu significado se refere a baile de negros. Trabalho com o social e defesa pessoal de jovens e crianças. O grupo começou com as instruções do Contramestre Cobra, de Cascavel, e Mestre Perturbado, do Rio Grande do Norte. Além de Ocara, a Quibungo Capoeira já tem em vários outros locais, como em Cascavel, Mossoró e Itu, no Rio Grande do Norte. Fazemos treinos e apresentações públicas em diversos locais, principalmente nas escolas. A capoeira nos dá bem-estar, saúde física e mental e resgata os jovens socialmente, mas não é só isso. A preocupação do nosso grupo é mostrar também a importância cultural de nossos antepassados, para que não morram as tradições dos negros. Por isso, nas apresentações, destacamos a história através de dramatizações sobre a cultura afro-brasileira. (Informação verbal)¹⁷.

¹⁷ Entrevista concedida por Allan Marx Correia Ribeiro, Ocara, 25 out. 2015.

O entrevistado supracitado deixa bem claro que a Quibungo Capoeira, além de trabalhar com jovens e crianças de Ocara, somando esforços e praticando atividades físicas, culturais e tudo o que a capoeira traz de benefícios para o corpo e a mente, foca também a formação de cidadãos capazes de formar outros cidadãos dentro das características de uma sociedade que valoriza e reconhece sua história e memória através da educação patrimonial relacionada com a nossa cultura de formação afro-brasileira. Nesse sentido, em meio às aulas práticas de capoeiragem, há também aulas teóricas sobre as culturas africana e brasileira quanto a manifestações culturais, como a dança guerreira, o maculelê, o xaxado, a dança do fogo e os balões, que são os saltos mortais.

A importância da capoeira para identidade brasileira traduz história, tradição, luta, afirmação, cidadania e a busca da igualdade social. Ela é o produto cultural deste movimento pelo direito de ser gente. Através da capoeira, podemos resgatar toda história do negro no Brasil e sua contribuição na formação de nossa sociedade e almejar uma sociedade sem discriminação. (OLIVEIRA, 2014, p. 123).

Sem dúvida, a capoeira tem se fortalecido como uma expressão cultural afro-brasileira para o reconhecimento identitário e o desenvolvimento do sentimento de pertença aos reais construtores da nação: os africanos. Em rápido resumo, a nossa entrevistada de número 3, Maria Nislene dos Santos, ao elencar os objetivos das práticas de capoeira em Ocara, assegura que: “O Grupo Quibungo Capoeira em Ocara tem a missão de aprender para ensinar outras pessoas valores como o respeito, companheirismo, gratidão, disciplina e reconhecimento cultural sobre os negros” (Informação verbal)¹⁸.

Conclusão

O termo “conclusão”, em uma escrita de cunho científico, causa sempre suspeição, pois, como sabemos, uma pesquisa deixa sempre em aberto inúmeras possibilidades para a ampliação tanto da mesma abordagem como de outras novas abordagens sobre a mesma temática. Mas explicamos que a conclusão em alusão refere-se tão somente à conclusão desta escrita, e não à conclusão sobre a temática. Esclarecida essa primeira vertente, passamos a concluir este artigo levando em conta a problemática e o objetivo inicialmente propostos.

¹⁸ Entrevista concedida por Maria Dislene dos Santos, Ocara, 25 out. 2015.

Em atendimento ao objetivo principal, este trabalho demonstrou, através de uma abordagem sucinta, que a capoeira, tanto na modalidade tradicional como na modalidade regional, como é o caso da Quibungo Capoeira, objeto deste trabalho, é uma manifestação cultural afro-brasileira pertencente ao patrimônio do povo brasileiro. A prática dessa manifestação cultural busca consolidar tanto nossa identificação com nossa cultura como possibilitar o desenvolvimento do sentimento de pertença às nossas bases culturais ancestrais.

Por outro lado, atendendo à problemática elencada, a prática da capoeira, ao longo da história da formação da nação brasileira, passou por inúmeras repressões, ficando à margem da lei e dos ambientes escolares. Com efeito, a capoeira ganhou sua institucionalização como prática desportiva e artística cultural somente a partir da década de 1970, sendo reconhecida como patrimônio do povo brasileiro no ano de 2008. Quanto à abordagem da capoeira regionalista no município de Ocara, ficou evidente que existe uma necessidade e uma possibilidade de o Grupo Quibungo Capoeira ampliar e intensificar essa prática por meio da educação patrimonial. Pensando assim, tanto em caráter geral como local, a prática da capoeira precisa de maior apoio da sociedade civil e da política, para que, mediante a educação, a sociedade brasileira possa identificar-se, conhecer-se e reconhecer-se em suas bases culturais ontológicas.

Pelo que ficou demonstrado na abordagem específica relativa à Quibungo Capoeira no município de Ocara, faz-se mister que esta seja inserida no currículo escolar como atividade didático-pedagógica, no âmbito da educação patrimonial representativa da história, memória e fonte identitária da coletividade nacional, regional e local.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, R. B. **Índios do Ceará e topônimos indígenas**. Fortaleza: Barraca do Escritor Cearense, 1994.
- BACCINO, M. P. Educação patrimonial na capoeira: proposta de ensino de toques de berimbau. In: JORNADA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA FIBRA, 3., 2010, Belém. **Anais...** Belém: Fibra, 2010.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

- BRASIL. Constituição de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 out. 1988.
- BRASIL. Decreto n. 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 ago. 2000.
- BRASIL. **Registro da capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. Processo n. 01450.002863/2006-80, Parecer n. 031/08, 2008. Brasília, DF: Iphan, 2008.
- CAMPOS, H. **Capoeira na escola**. Salvador: Presscolor, 1990.
- CAMPOS, H. **Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba**. Salvador: UFBA, 2009.
- CARVALHO, J. **Brasil, África e Atlântico Sul**. Salvador: FTC EAD, 2009.
- FERNANDES, G.; PITHON, M. **De quibungos e meninos: um apanhado de histórias de bicho-papão em África e Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- FERRETTI, S. F. **Repensando o sincretismo**. São Paulo: USP, 1996.
- FLORÊNCIO, S. R. et al. **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília, DF: Iphan, 2014.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- HORTA, M. L. P. Lições das coisas: o enigma e o desafio da educação patrimonial. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 31, p. 220-233, 2005.
- HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília, DF: Iphan: Museu Imperial, 1999.
- JULIEN, N. **Dicionário Rideel de Mitologia**. São Paulo: Rideel, 2005.
- MAGALHÃES, B. **O folclore no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1960.
- MARTINHO RODRIGUES, R. História, fontes e caminhos da educação e da cultura. In: CAVALCANTE, M. et al. (Org.). **Escolas e culturas: políticas, tempos e territórios de ações educacionais**. Fortaleza: UFC, 2009. p. 422-441.
- MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília, DF: MEC, 2008.
- OLIVEIRA, R. S. A importância da capoeira para o povo brasileiro. **Identidade!**, São Leopoldo, v. 19, n. 1, p. 110-125, 2014.
- RODRIGUES, N. **Os africanos no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro**. Campinas: Unicamp, 2004.
- SOUZA, M. M. **África e Brasil africano**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- SOUZA, M. M. **Reis negros no Brasil escravista: história da Festa de Coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- VASCONCELOS, J. G. **Besouro Cordão de Ouro: o capoeira justiceiro**. Fortaleza: UFC, 2009.